

volume

17

Dezembro 2011

volume

18

Dezembro 2012

ISSN 0150-2095

ICH - UFPel



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica





**Obra publicada pela
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila

Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia

Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta

Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler

Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral

Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento

Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes

Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretora: Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2011-2012

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.
1v.

Anual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

REVESTINDO IMAGENS : INDUMENTÁRIA E IDENTIDADE GAUCHA NO SÉCULO XIX

Joana Bosak de Figueiredo*

Resumo: Assim como outras formas de cultura visual a indumentária se mostrou uma via fundamental de representação de identidades no século XIX. O caso do Rio Grande do Sul é especialmente interessante no que diz respeito as representações políticas, que podem ser percebidas, apesar das poucas evidências gráficas, nos documentos historiográficos e literários. As imagens, portanto, tornam-se alvo de análise nesta proposta que visa identificar o tipo social platino como um todo, vinculando-o a suas representações políticas e culturais através das roupas que vestia.

Segundo Norbert Elias, em “A Sociedade de Corte”, desde o reinado de Luis XIV, pelo menos, as roupas fazem parte da manutenção de certa ideia de Estado, pois que indicam pertencimento a uma escala social específica. Não apenas na França, mas em diversos países do mundo ocidental a indumentária aponta o mesmo caminho: o da existência de um código proporcionado pelas vestes. A monumental obra de Auguste Racinet, produzida ainda no século XIX, comprova de que maneira os povos de toda superfície do globo terrestre se identifica através das roupas que usam.

Roland Barthes, durante seus estudos nos anos 1960, chegou a refletir sobre a simbologia das roupas e da existência de um código específico do vestuário, que para ele tinha a função primordial da significação. Para Barthes, a roupa era uma forma de texto, de narrativa, de discurso, com funcionamento próprio, porém atrelado a época e ao local em que se inseria (Barthes, 2005, 2009).

Regina A. Root, da Universidade William and Mary, nos Estados Unidos, tem se dedicado ao estudo da indumentária e seu papel na construção de identidades sociais e políticas na Argentina do século XIX (Root, 2002, p. 89 – 117). Essa pesquisadora percebeu a existência de um material inédito para a compreensão da construção identitária de diversas facetas sociais num período realmente fundador da história platina - o

* Joana Bosak de Figueiredo. UFRGS. Dra. em Literatura Comparada, pós-doutoranda, bolsista CNPq. Joanabosak@gmail.com

imediatamente posterior às independências face à Espanha, a partir de 1810 -, as revistas de Moda e jornais do século XIX.

Diz Root:

As roupas têm funções tão visíveis que se tornam facilmente descartáveis, trivializadas ou totalmente esquecidas. Mas o mesmo casaco que protege também distingue a classe social de alguém, assim como suas afinidades políticas. Na Argentina do século dezenove, vários escritores influentes usaram a trivialidade aparente da moda para importar ideais revolucionários, usando o que pareciam ser descrições inócuas de roupas e tendências de moda. Indo além do relato das inovações na indústria da moda e no detalhamento de novas peças de roupas, estes escritos imbuíram tudo, das pantalonas às anáguas, de um significado radical no espetáculo de uma esfera pública emergente. (Root, 2002, p. 89)

Continuando sua análise sobre a identificação política através das roupas, Regina Root reitera que

Em nenhum momento da história da Argentina, o uso retórico da moda ganharia mais destaque do que durante o período seguinte a independência da Espanha. Nesse momento, o vestuário serviu para identificar membros de partidos opostos numa época em que o espectro político achava-se dividido em duas tendências, os unitários e os federalistas. Os unitários, guiados pela elite intelectual de Buenos Aires, contemplavam as instituições da Europa como modelo progressista e liberal para uma república argentina centralizada. Vestiam a última moda europeia nas tonalidades azul e verde claro. Os federalistas, que se opunham aos unitários,

muitos deles proprietários de terras fora de Buenos Aires e desejosos da autonomia de seus líderes locais, exibiam roupas carmesim. Os federalistas usavam bigodes e costeletas, enquanto que os unitários exibiam barba em forma de U para indicar seu apoio ao partido. (Root, 2002, p. 89-90)

Mais recentemente, em livro lançado nos Estados Unidos este ano, intitulado *Couture and Consensus*, Regina Root mantém sua abordagem voltada ao papel da indumentária como expressão de opinião e comunicadora de posições políticas e sociais na Argentina do século XIX. Portanto, vê-se que a autora, mesmo após uma década de estudos continua encontrando fôlego na temática que ora se propõe.

Assim como a autora supracitada, a socióloga também norte-americana Diana Crane, em *A Moda e seu papel social*, demonstra que para se estabelecer a identificação de classes, profissões, gêneros e identidades sociais de maneira geral, a roupa é uma ferramenta de primeira ordem. Em seu livro, resultado de um amplo esforço de pesquisa a fontes iconográficas e demográficas do século XIX nos Estados Unidos, Inglaterra e França, ela demonstra como o vestuário chamado *reformador* ou *alternativo*, por exemplo, foi fundamental à história da construção das identidades femininas norte-americanas, que ao se vestirem de forma diferenciada se tornaram visíveis do ponto de vista social. A roupa, nesses casos, se tornou mais uma bandeira de luta para mulheres que buscavam espaço fora dos muros domésticos e das profissões tradicionalmente “femininas”.

Diz Crane que:

O vestuário, sendo uma das formas mais visíveis de consumo, desempenha um papel da maior importância na construção social da identidade. A escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso, forma essa que inclui normas rigorosas sobre a aparência que se considera apropriada num determinado período (que e

conhecido como moda), bem como uma variedade de alternativas extraordinariamente ricas. Sendo uma das mais evidentes marcas de status social e gênero – útil, portanto, para manter ou subverter fronteiras simbólicas –, o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, vêm sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status. Nos séculos anteriores, as roupas constituíam o principal meio de identificação do indivíduo no espaço público. Na Europa e nos Estados Unidos, de acordo com o período, vários aspectos da identidade expressavam-se através do vestuário, entre eles a ocupação, identidade regional, religião e classe social. Certos itens usados por todos, como chapéus, eram particularmente importantes, emitindo sinais imediatos sobre o status social atribuído ao indivíduo ou almejado por ele. As variações na escolha do vestuário constituem indicadores sutis de como são vivenciados os diferentes tipos de sociedade, assim como as diferentes posições dentro de uma mesma sociedade. (Crane, 2006, p.21-22).

A exemplo dos nossos vizinhos mais próximos – Argentina, no caso dos estudos de Root – ou distantes – norte-americanos e europeus, na obra de Crane – a indumentária descrita e apresentada em jornais, fotos, livros e textos do século XIX no Rio da Prata foi também uma forma de resistência política e de significação social, como sugerem Roland Barthes e autores mais recentes, como o sueco Lars Svendsen (2010), que pensa numa filosofia da Moda.

À falta de estudos minuciosos e referendados no caso do extremo sul do Brasil e na região do Ri da Prata de maneira geral, propomos aqui a análise de textos e imagens a serem consultados em bibliotecas públicas e privadas de Porto Alegre, Pelotas, Montevideu e Buenos Aires que permitam a identificação da indumentária como mais uma forma de

narrativa que se sobrepõe aos discursos já existentes de definição e identificação social, seja regional, nacional ou de classe, profissão e gênero.

Moda e Teorias

Embora desde o século XIX mesmo estudos teorizando sobre a Moda tenham sido produzidos por sociólogos como o alemão Georg Simmel – *A Moda*, 1894 -, o estadunidense de ascendência norueguesa Thorstein Veblen, com a sua *Teoria das Classes Ociosas*, de 1895 e o francês Gabriel de Tarde – *As leis da imitação*, 1894 -, esse campo de estudos continuou relegado a um plano infinitamente secundário até bem pouco tempo atrás. Mesmo Thomas Carlyle, com seu *Sartor Resartus*, de 1833-34, se debruçou de forma mais ou menos filosófica e até satírica sobre o tema.

Autores franceses do século XIX, como Honoré de Balzac, Charles Baudelaire e Stéphane Mallarmé priorizaram em suas escritas literárias e críticas a roupa como um fator essencial de compreensão da sociedade em que viviam. Os dois últimos chegaram mesmo a estabelecer estudos críticos sobre o papel da Moda em seu tempo e das modas como novidade e como fatores fundamentais ao advento da chamada Modernidade, perpassada em amplo espectro pela criação literária.

Para melhor aprofundarem a questão, tais autores escreveram sobre o papel das roupas, tendo Mallarmé criado uma “gazette” intitulada *La Dernière Mode*, em circulação entre setembro e dezembro de 1874.

Se esses autores, ao estabelecerem em sua reflexão ainda no século XIX o papel que as roupas conferiam às *personas* que as vestiam, é porque perceberam as possibilidades de análise que nossa superfície mais palpável tornava visível de uma relação com o mundo exterior. De fato, principalmente no século XIX, o que se cobria e o que se descobria do corpo humano era identificador de uma dada ordem social e do pertencimento a uma classe ou mesmo a uma visão política. No caso feminino, por exemplo, o uso dos espartilhos e das anquinhas tornava as mulheres das classes ociosas ainda mais apáticas, na medida em que impossibilitavam quase que totalmente os seus movimentos corporais.

No caso masculino, a institucionalização de um “uniforme” de trabalho, o terno, constitui-se em um novo dado concernente ao mundo industrialista, sem espaço para babados e cores pasteis anteriormente em

voga na indumentária do homem. O papel da ornamentação a partir daí foi conferido especialmente, na sociedade ocidental, às vestes femininas, que além do mais auxiliavam na exposição de um status social do marido.

As vestes femininas são, para Emma Bovary, por exemplo, parte considerável da construção de sua personagem, denotando estados de espírito e mesmo sendo, muitas vezes, motivo de sua ruína. Não por acaso Gustave Flaubert apostou na roupa como uma maneira de melhor apresentar a sociedade que criticava e na qual sua heroína – ainda que com uma postura antitética – estava imersa. Emma, uma consumista desenfreada, muitas vezes aparece em função do traje que usa ou se significa em função dele.

É na literatura, inicialmente, que haverá uma reflexão sistematizada sobre o caráter das roupas na sociedade moderna. Se os textos historiográficos mais percebiam apenas a classificação social através das roupas, é nos textos literários que aparece uma análise de perfis individuais e sociais em função do vestuário.

Além disso, se a roupa pode ser analisada como o é atualmente – como um discurso, uma narrativa; é porque se constitui em fonte ela mesma para análise sócio-cultural de um momento dado, como uma espécie de museu portátil.

O primeiro *dandy*, George (Beau) Brummell, além de ter sido um verdadeiro revolucionário na indumentária masculina do século XIX, foi, ainda, uma inspiração para autores como o próprio Baudelaire e mais tarde, Oscar Wilde, esteta defensor do *dandismo* e da cultura das aparências como a mais verdadeira possível dentro da sociedade em questão. Com o estilo mais despojado que propôs Brummell, se deu ao homem inglês e posteriormente ao homem ocidental o aspecto mais próximo do discurso indumentário que ele detém até hoje, com a utilização da sobriedade de uma maneira inédita que homogeneizou a parcela masculina da sociedade inglesa da metade final do século XIX. Barbey D'Aurevilly escreveu contemporaneamente sobre o tema ao identificar Brummell como o modelo para o homem de sua época: sóbrio e determinado a fazer de sua aparência uma forma de vida.

A moda deixava, pois, de ser indumentária apenas para se converter em estilo de vida, com uma simbologia própria, o que seria reiterado mais tarde pelo psicólogo inglês J. C. Flügel, em seu tratado sobre aspectos afetivos e sociais das roupas, com trabalhos publicados a partir

de 1929, nos quais mostrava serem as roupas, também, além de protetoras, adornadoras e pudicícias, comunicantes entre os homens e mulheres e a sociedade em geral.

A escritora inglesa Virginia Woolf, na mesma época, versa sobre o papel das roupas em sua obra, principalmente no romance *Orlando*, de 1928, e em textos curtos, como o conto *O vestido novo*, do mesmo ano. Mesmo no texto já convertido em clássico dos estudos feministas que escreveu em 1928, *Um teto todo seu*, a autora reflete sobre a diferença da indumentária na construção de identidades mais ou menos livres.

Embora a realidade dos Oitocentos na região do Rio da Prata seja bastante diferente da europeia, isso não significa que não seja possível sua análise a partir desse ponto de vista. Que o diga a pesquisa de fôlego de Regina Root.

Além da pesquisadora norte-americana supracitada, a socióloga buenairense Susana Saulquín, professora de Sociologia da Universidad de Buenos Aires, também se aventurou na seara do entendimento da sociedade argentina a partir de seu discurso indumentário. No livro *Historia de la Moda Argentina*, a pesquisadora revela como a roupa foi fundamental naquela sociedade em formação e como a linguagem das roupas favoreceu a formação de grupos sociais específicos e de seus interesses respectivos.

Mesmo uma pesquisadora brasileira, a filósofa Gilda de Mello e Souza, debruçou-se sobre a questão em sua tese de doutoramento, defendida em 1949, na USP, sob orientação de Roger Bastide e publicada muitos anos mais tarde (1987) sob o título *O espírito das roupas – a moda no século XIX*, em que se utiliza da literatura brasileira e francesa e de fotos dos Oitocentos como representativos – a partir das roupas – de toda uma época, uma espécie de *zeitgeist* dos trópicos, o que bem mais tarde faria, de alguma forma, Gilberto Freyre, em seu livro *Modos de homem, modos de mulher*.

No caso do Rio Grande do Sul, entretanto, a questão da indumentária ainda é extremamente deslocada deste tipo de estudo. O que se encontra é: ou estudos que versam sobre a questão iconográfica da vestimenta do gaúcho, como o trabalho pioneiro da professora Vera Stédile Zattera, de Caxias do Sul; ou trabalhos ligados à reafirmação das “tradições” inventadas até certo ponto pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, como é o caso do trabalho de Antonio Augusto Fagundes,

intitulado *A indumentária gaúcha*, mas que deixa muito a desejar no quesito pesquisa e fundamentação teórica e historiográfica.

Se pensarmos o gaúcho como um representante de toda a região e seus caudilhos ou pares da mesma forma, é possível que se possa pensar a existência de uma comunidade platina comum, em que hábitos, costumes e sociabilidades tenham um mesmo pertencimento intelectual ou mental.

Além disso, não se pode esquecer que a grande metrópole dos anos 1800 é Buenos Aires. O Rio de Janeiro, como capital do Império, envia seus últimos gritos em termos de moda francesa que recebe, mas o grande referencial no Prata é a cosmopolita Buenos Aires, já uma cidade em franca ascensão industrialista, em que as modas se farão se sentir como forma de expressão social.

Ainda assim, as representações que se fazem dos habitantes do Rio da Prata dos Oitocentos são muito mais focalizadas nos aspectos rurais do que urbanos, embora se encontrem muitas representações dos homens e mulheres urbanos.

Mas o que finalmente diferenciava, em termos indumentários, homens e mulheres do campo e/ou da cidade? Havia trajes específicos?

Provavelmente sim, assim como queremos crer que boa parte da indumentária criada ou recriada no Rio da Prata, mesmo em suas capitais, não passasse apenas de cópias das modas europeias, mas que contivesse em si a reunião de estilos locais rearranjados. Desta forma, a moda traduziria também um “ser platino” em função de hábitos, costumes, tecidos, necessidades e aceitação social.

O jornal “La Moda Elegante”, publicado em Madrid durante parte do século XIX, era uma das grandes referências, não apenas de moda, mas de estilo de vida e de direcionamentos de sociabilidades no Rio da Prata dos Oitocentos, sendo lido nos dois países de língua espanhola em questão.

O caso uruguaio, em boa parte, surpreende mais que os anteriormente citados, com a existência de uma figura de proa, como Josefina Lerena Acevedo Blixen, que publica ainda no século XIX escritos sobre a mulher e a condição feminina de sua época. Ainda no Uruguai, a figura de um escritor como Horacio Quiroga aparece como fundamental na escrita sobre as mulheres de sua época, prefigurando mesmo a reflexão de um autor como Juan Carlos Onetti, que se debruça sobre identidades

femininas, notadamente a figura da “mãe gorda” e das adolescentes perversas, por exemplo.

Portanto, dentro de um espectro bastante amplo de fontes dos três países, gostaríamos de perceber de que maneira essa grande comunidade fronteiriça apresenta um conjunto estético no que tange a indumentária. Há uma unidade identitária nas vestes de homens e mulheres platinos dos XIX? De que maneira a identidade através das roupas apresenta a realidade de seu entorno? Há, no caso platino, um espírito das roupas que se coadune a uma identidade com fins políticos?

Desta forma, aqui se propõe que a comunidade platina descrita pela história e pela literatura seja unida em suas representações não apenas textuais, mas também iconográficas, em obras já conhecidas ou não tanto, a partir de um novo viés: o do discurso indumentário. A roupa deixa de ser apenas ornamento ou adorno e/ou proteção: ela tem um caráter próprio, expressão de uma época, de uma classe, de um segmento político, de uma região; ela mesma se configura em discurso dotado de sentido intrínseco.

Se aceitarmos o pressuposto dos teóricos anteriormente citados, tomamos como verdadeiro que:

- a roupa distingue socialmente e remete a uma classe social;
- a roupa determina a origem da pessoa que a usa;
- a roupa (bem como acessórios e cortes de cabelo ou barba e bigode) pode determinar uma posição política;
- a roupa denota o “espírito de um tempo”;
- a roupa denota uma função social (profissão ou ocupação)
- a roupa identifica um gênero.

Queremos crer que a roupa, então, identifica socialmente e comunica múltiplos valores. No campo ou na cidade, nos diversos afazeres e/ou profissões, a roupa vem acompanhada de uma carga simbólica – como preconizou Roland Barthes em seus estudos sobre a moda, no já clássico estudo *O sistema da moda*, de 1967 – que torna possível, até certo ponto, a decifração de quem a usa como sujeito social atuante.

O habitante do Rio da Prata dos Oitocentos permite, em nossa reflexão atual, a percepção de identidades múltiplas referenciadas pela indumentária. Que identidades e que discursos indumentários são esses é o que nos interessa ver em nosso projeto e ainda, de que maneira se diferencia esse ser platino e como aparece em imagens ou descrito em

textos.

Existe uma questão crucial: se hoje a bombacha é tida como traje “oficial” no caso do Rio Grande do Sul se sabe de antemão que esse tipo de vestimenta é posterior na região à Guerra do Paraguai, momento em que teria sido introduzida na região, em virtude do contato do exército inglês com as vestes dos cavaleiros orientais quando da Guerra da Criméia.

Até que ponto então, percebe-se que a literatura e a historiografia sacramentaram usos e costumes que não são referidos historicamente? Até que ponto trajes “tradicionais” de fato são apresentados na iconografia e na literatura de época?

Mesmo hoje determinadas regiões argentinas reiteram a utilização de uma indumentária híbrida, muito peculiar, entre usos indígenas, como o poncho e os bordados andaluzes.

Desta forma, este tudo pretende ver também, como a indumentária foi reabilitada ou re-visitada como forma de construção identitária contemporânea e/ou posterior a seu uso, demonstrando que, como o habitante do Prata, a roupa que o identifica, que o reveste e o traduz em imagens é híbrida.

Dentro de um panorama que prevê o estudo conjunto e comparativo de fontes históricas e literárias no projeto maior a que nos filiamos como pesquisadora associada propomos ampliar o horizonte de nossos arquivos, com a inclusão de material iconográfico e mesmo jornalístico a ser pesquisado nos acervos a serem posteriormente citados. Imagens como capas de livros publicados nos Oitocentos, fotos em revistas, jornais ou similares, retratos de família ou de cenas na cidade e no campo, ajudarão a compor esse grande mosaico de fontes a que nos propomos pesquisar – fontes essas ainda em fase de avaliação quanto à autoria e ao seu alcance.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSUNÇÃO, Fernando O. Historia del Gaucho. El Gaucho: ser y quehacer. Buenos Aires: Claridad, 1999.

BARNARD, Malcolm. Moda e Comunicação. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARTHES, Roland. Inéditos vol. 3 – imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. O sistema da Moda. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

- BAUDELAIRE, BALZAC & D'AUREVILLY. Manual do Dândi. A vida com estilo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- BOUCHER, François. Histoire du Costume em Occident. Paris: Flammarion, 1996.
- CALANCA, Daniela. História Social da Moda. São Paulo: Editora SENAC-SP, 2008.
- CHAVES, Flavio L. Simões Lopes Neto: regionalismo & literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra. Pampa e cultura. De Fierro a Netto. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 2004.
- CONI, Emilio A. C.. El Gaucho. Argentina - Brasil – Uruguay. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1986.
- CRANE, Diana. A moda e seu papel social. Classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora SENAC, 2006.
- EGUIGUREN & VEGA. El Poncho. Buenos Aires: do autor, 2002.
- FAGUNDES, Antonio A. Indumentária gaúcha. Porto Alegre: Martins livreiro Editor, 2001.
- FIGUEIREDO, Joana. A tradução da tradição: gaúchos, guaxos e sombras. O regionalismo revisitado de Luiz Carlos Barbosa Lessa e de Ricardo Güiraldes. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- _____. O Rio Grande de São Pedro entre o Império do Brasil e o Prata: a identidade regional e o Estado nacional (1851 – 1865). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- _____. A roupa e o gênero: uma leitura de Orlando e Quim/Quima de Virginia Woolf e Maria Aurèlia Capmany. IARA - Revista de Moda, Cultura e Arte, v. 2, p. 2, 2010.
- _____. Por uma filosofia - da moda. Zero Hora, Porto Alegre, p. 3 - 3, 25 set. 2010.
- _____. Teoria da Moda pra quê?. Zero Hora, Porto Alegre, p. 6 - 6, 22 maio 2010.
- _____; NORONHA, Renata Fratton. . Do Pampa à passarela. In: IV Colóquio Nacional de Moda, 2008, Novo Hamburgo. Anais do IV Colóquio Nacional de Moda, 2008.
- HERNÁNDEZ, José. Martín Fierro. Edición crítica. Madrid; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José; Caracas: ALLCA XX, 2001.
- MASOTTA, Carlos. Gauchos en las primeras postales argentinas del siglo

- XX. Buenos Aires: Lamarca Editora, 2008.
- RACINET, Auguste. *The Costume History*. Taschen do Brasil, 2009.
- RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. *Mancebos e mocinhas. Moda na Literatura Brasileira do século XIX*. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2010.
- ROOT, Regina A. *Couture and Consensus. Fashion and politics in Postcolonial Argentina*. Chicago: University of Minnesota Press, 2010.
- _____. *Modelando a nação: escritos de moda na Argentina do século Dezenove*. In: *FASHION THEORY. A revista da Moda, Corpo e Cultura*. Edição brasileira. Vol. 1, número 1. São Paulo: Editora Anhembi-Morumbi, 2002.
- _____. *Searching for the Oasis in Life: Fashion and the Question of Female Emancipation in Late Nineteenth-Century Argentina* *The Americas* - Volume 60, Number 3, January 2004, pp. 363-390.
- SALOMON, Geanetti Tavares. *Moda e Ironia em Dom Casmurro*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS/EDIPUCRS, 1996.
- SAULQUIN, Susana. *Historia de la moda argentina. Del miriñaque al diseño de autor*. Buenos Aires: Emecé, 2006.
- SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas. A moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ZATTERA, Vera Stédile. *Gaúcho. Iconografia - séculos XIX e XX*. Rio Grande do Sul. Uruguai. Argentina. Caxias do Sul: Editora da UCS, 1997.